

## **Imaginários e Representatividade do Corpo da Mulher Negra nas Narrativas Audiovisuais: Uma Análise da Série Como Defender Um Assassino <sup>1</sup>**

Vitória Almeida Ramos<sup>2</sup>

Helen Campos Barbosa<sup>3</sup>

Universidade do Estado da Bahia- UNEB

### **RESUMO**

O artigo analisa a representação do corpo da mulher negra no audiovisual a partir de um recorte de cena da série *How to Get Away with Murder* (Como Defender um Assassino), focado na personagem principal Annalise Keating, interpretada por Viola Davis. Utilizando conceitos como *imagens de controle* de Patricia Hill Collins (2019) e *escrevivência* de Conceição Evaristo (2020) para discutir os estereótipos em torno do corpo da mulher negra. Discutimos a reprodução ou subversão dos padrões culturais e sociais na imagem, explorando questões de imagens de controle, representação da mulher negra e as possibilidades *escreviventes* no audiovisual.

**PALAVRAS - CHAVE:** Corpo; Mulheres Negras; Representação; Imagens de controle, *escrevivência*.

### **INTRODUÇÃO**

Este artigo nasce da inquietação quanto a representação do corpo da mulher negra nas grandes produções audiovisuais, que remetem a um imaginário onde esse corpo é forte e deve aguentar desafios da vida, quase nunca ocupando o lugar de fragilidade pois não cabe em seu estereótipo. Tais imagens ratificam a ideia da mulher negra batalhadora que só triunfa ao passar por uma “prova de fogo”. Narrativas que recaem no que é tratado nos textos “Imagens de controle um conceito do pensamento de Patrícia Hill Collins” de Winnie Bueno (2020) e “Introdução à Análise da Imagem” de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

<sup>2</sup> Professora do Curso de Comunicação Social (Rádio/TV) - UNEB Campus XIV, email: [hcbarbosa@uneb.br](mailto:hcbarbosa@uneb.br)

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 4º. semestre do Curso de Comunicação Social (Rádio/TV) - UNEB Campus XIV, email: [vitoriaalmeidaramos92@gmail.com](mailto:vitoriaalmeidaramos92@gmail.com)

<sup>4</sup> “O estereótipo é um dispositivo que estabelece “uma conexão entre representação, diferença e poder” (Hall, 2016, p. 193).

Martine Joly (2007).

Para fins de análise, será explorada a série “Como Defender um Assassino”, lançada em 2014 que rapidamente tornou-se uma das séries mais marcantes da última década. Criada por Peter Nowalk e Shonda Rhimes e protagonizada pela atriz Viola Davis, reconhecida internacionalmente. Com seis temporadas intensas, que foram ao ar até 2020, a série recebeu reconhecimento da crítica especializada, incluindo nove indicações ao *Emmy*, nas quais Viola ganhou três dos prêmios por sua atuação.

Explorando temas como ambição, moralidade e justiça, a protagonista é uma mulher negra e aqui nos deteremos na cena que exhibe a personagem se “desmontando” em frente ao espelho, tirando a peruca, a maquiagem e todos os acessórios que caracterizariam sua aparente potência. Após a cena há uma transformação poderosa que vai além do visual. Essa sequência encapsula um dos momentos mais vulneráveis e intimistas da série, tanto em termos de narrativa quanto de representação audiovisual. Com razão se tornou um marco, porque permitiu que mulheres negras se percebessem de forma honesta e profunda, além de desafiar o público a repensar suas próprias concepções sobre raça, gênero e poder.

A representação de Annalise Keating por Viola Davis em uma das primeiras séries televisionadas de grande alcance global chama atenção pela forma como mulheres negras são retratadas. A cena de análise subverte padrões históricos, ao dar à personagem o espaço para existir com suas incoerências, carregando o peso de ser uma mulher negra em uma sociedade que a subestima, mas que também exige que ela seja extraordinária. O ato de desmontar-se não é apenas uma ação cotidiana, na cena, é um gesto político. Annalise é uma mulher poderosa e implacável no ambiente profissional, mas a cena revela sua vulnerabilidade em um espaço íntimo, ainda mais no contexto da cena, na qual ela está enfrentando uma descoberta de traição por parte do seu marido. Essa combinação de força e fragilidade é central à escrevivência (Evaristo, 2020), pois desconstrói a figura estereotipada da mulher negra forte desumanizada ao negar a possibilidade de vulnerabilidade e cuidado.

Nos termos da análise de Joly (2007), Annalise manipula imagens tanto, literal quanto figurativas para criar uma identidade que projeta autoridade e segurança, essencial para seu papel como advogada e mentora. Ela sabe que a sociedade e o sistema jurídico têm suas próprias expectativas e preconceitos raciais e de gênero.

Consciente disso, adota uma postura controladora e fria, usando a imagem que construiu de si mesma como um escudo contra ataques. A série nos mostra que essa imagem é cuidadosamente construída, Annalise se apresenta de uma forma calculada para desviar interpretações negativas e reforçar a sua autoridade, o que também reflete a noção de Joly de que toda imagem carrega uma carga de convenção cultural.

O contexto da cena dialoga com as expectativas de comparação impostas a pessoas negras em espaços majoritariamente brancos. A peruca, a maquiagem e a aparência cuidadosamente montada representam uma performance necessária para sobreviver e prosperar em um sistema opressivo. Ao retirá-las, Annalise faz um movimento de resistência, ela reivindica sua identidade plena, para além do que é esperado dela.

Historicamente, mulheres negras no audiovisual são colocadas em papéis subservientes, como empregadas, mães sacrificadas ou figuras hiperssexualizadas. Annalise rompe com esses moldes, sendo uma personagem complexa, que desafia a categorização simples. Ainda assim, a cena de desmontagem aponta para o preço que a personagem paga para ocupar esse lugar de poder em uma sociedade marcada pelo racismo e pela misoginia.

## **REFLEXOS DE PODER**

As imagens de controle descritas por Patricia Hill Collins (2019) incluem estereótipos como a matriarca, a mulher negra raivosa ou a hipersexualizada. Esses arquétipos desumanizam e restringem as possibilidades de existência das mulheres negras. Na construção da personagem Annalise Keating, vemos a imposição de uma máscara que dialoga diretamente com essas imagens. Sua aparência pública impecável e postura séria é uma construção que busca atender às expectativas de um mundo que exige dela perfeição para que sua competência seja reconhecida. Essa fachada está em diálogo com a imagem da "supermulher" (COLLINS, 2019), uma figura que precisa ser excepcional para sobreviver em um espaço dominado por homens e brancos.

A análise da cena de Annalise se desmontando sob a perspectiva do texto de Winnie Bueno (2020), pode nos ajudar a pensar como o corpo e o comportamento das mulheres negras frequentemente são moldados por definições externas e imagens

estereotipadas. Bueno reflete sobre como essas imagens de controle operam como mecanismos de dominação ideológica, influenciando tanto a forma como mulheres negras são vistas quanto como veem a si mesmas.

Quando Annalise se desmonta em frente ao espelho, o gesto é um rompimento simbólico com essas imagens de controle. Este ato não é apenas uma libertação pessoal, mas também um comentário sobre como as mulheres negras são obrigadas a se adaptar a padrões inatingíveis para serem vistas como aceitáveis. O corpo da personagem, moldado para corresponder a expectativas eurocêntricas com o uso de perucas lisas e maquiagem pesada, é um exemplo claro de como essas definições operam. O momento de desmontagem, no entanto, afirma que o corpo negro pode existir para além dessas imposições. A exposição do cabelo natural e da pele sem maquiagem é um movimento de descolonização visual e simbólica, que desafia os padrões de beleza eurocêtricos e reivindica a soberania sobre seu próprio corpo.



Foto 2: Frame da cena: em frente ao espelho após a retirada da peruca. Fonte: Youtube.

A partir do que Collins (2019) chama de autodefinição, faço a analogia dessa cena, interpretada por Viola Davis, com o conceito de escrevivência, de Conceição Evaristo (2020), onde a experiência negra é contada a partir do lugar de quem a vive. O ato de se desmontar em frente ao espelho é carregado de simbolismo para mulheres negras, que frequentemente enfrentam pressões relacionadas à aparência e ao desempenho público. A retirada da peruca e maquiagem simboliza uma desconstrução das máscaras impostas pela sociedade e pelo próprio contexto profissional, permitindo que sua dor, fragilidade e autenticidade venham à tona. O ato de se despir desses elementos performáticos é uma recusa a continuar habitando a identidade que lhe foi imposta é um ato de escrevivência, um resgate de sua própria narrativa a partir de si

mesma.

O espelho é central na composição da cena, funcionando como um confronto com a própria identidade. É através dele que a personagem e o público, testemunham o desmantelamento de camadas físicas e emocionais. O uso de closes e planos médios enfatiza os gestos delicados e precisos ao retirar os elementos que compõem sua aparência pública. A pouca iluminação direcionada, destaca os traços naturais da personagem à medida que ela remove a maquiagem, criando uma atmosfera de intimidade e vulnerabilidade. As cores neutras do cenário reforçam o tom reflexivo da cena. Além de ser acompanhada de um silêncio carregado junto de uma trilha sonora de impacto, permitindo que o público sinta o peso emocional da ação. A vulnerabilidade, nesse contexto, é resistência porque desafia os papéis que a sociedade espera que as mulheres negras desempenhem. Ao humanizar a personagem, a cena também humaniza todas as mulheres negras que se veem forçadas a desempenhar papéis para sobreviver.

O corpo negro, historicamente, foi construído como objeto, exotizado, hiperssexualizado ou desumanizado. A cena em questão subverte essas narrativas ao tornar o corpo da mulher negra sujeito de sua própria história. A ação é um grito silencioso de autonomia, ao se despir dos artifícios, ela afirma sua existência em um mundo que frequentemente tenta moldá-la para corresponder a padrões eurocêtricos e de gênero.

A escrevivência (2020) está presente no contraste entre a Annalise pública e a Annalise privada. Essa dualidade é um reflexo direto de como mulheres negras, especialmente em posições de destaque, são forçadas a performar para serem aceitas, enquanto muitas vezes negam a si mesmas sua autenticidade. A escrita da vivência se manifesta visualmente e narrativamente na cena, permitindo uma leitura profunda sobre identidade, racismo estrutural e resistência. Na literatura e no audiovisual, o espelho é frequentemente utilizado como um símbolo de autoconhecimento e confronto. Nesse contexto, o espelho não apenas reflete sua imagem física, mas também sua interioridade, suas feridas, e sua resiliência.

Esse estereótipo de mulher negra inabalável que Annalise representa é também simbólico para os espectadores, oferecendo um reflexo de como as mulheres negras

navegam em espaços de poder com restrições históricas. Ela é vista tanto como uma inspiração quanto uma figura trágica, evidenciando a tensão entre poder e os sacrifícios pessoais para manter essa imagem forte. Annalise, portanto, representa uma luta constante para não apenas sobreviver, mas triunfar num sistema que tende a desumanizá-la e subestimá-la, oferecendo uma reflexão sobre o impacto psicológico de carregar essa imagem pública. Assim, a presente análise busca discutir o poder da imagem como ferramenta de comunicação e manipulação, ao mesmo tempo que desafia o arquétipo simplista da mulher negra imbatível.

## REFERÊNCIAS

ADOROCINEMA. How To Get Away With Murder no AdoroCinema. Disponível em: <[Busca How To Get Away With Murder no AdoroCinema](#)>.

Acesso em: 09 de dezembro de 2024.

BARBOSA, Helen Campos. FILHO, Jorge Luiz Cunha Cardoso. **Manifestos para ouvir: experiência estética genderizada e racializada a partir de Luedji Luna**. In: ANAIS DO 29º ENCONTRO ANUAL DA COMPOS, 2020, Campo Grande. Anais eletrônicos, Galoá, 2020. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2020/trabalhos/manifestos-para-ouvir-experiencia-estetica-genderizada-e-racializada-a-partir-de?lang=pt-br>>.

Acesso em: 05 de dezembro de 2024.

BUENO, Winnie. **Imagens de Controle: um Conceito do Pensamento de Patricia Hill Collins**. 1 ed. Zouk Editora, 2020. cap. Controle, mídia e o outro: os corpos e os comportamentos de mulheres negras a partir de definições externas.

CARRERA, Fernanda. MEIRINHO, Daniel. **Mulheres Negras nas Artes Visuais**: modos de resistência às imagens coloniais de controle. In: DOSSIÊ CRISE, FEMINISMO E COMUNICAÇÃO, 2020, Rio de Janeiro.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento Feminista Negro**. 1 ed. Boitempo, 2019.

JOLY, Martino. José Eduardo Rodil. **Introdução à análise da imagem**. 70 ed. Lisboa, 2007.

HALL, Stuart. **O espetáculo do “outro”. Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Apicuri/PUC-Rio, 2016.

HTGAWM Vids. **Annalise takes off the wig**. YouTube, 2015. 1 min 55 seg. Disponível em: <[Annalise takes off the wig](#)>. Acesso em: 02 de dezembro de 2024.

SOVIK, Liv. **Através do Olhar da Representação: Sobre o Esteriótipos e a Comunicação**. Revista Heterotopías del Área de Estudios Críticos del Discurso de FFyH. Vol 3. Córdoba, 2020.